



Veredas atemática

Volume 18 nº 2 – 2014

O sinal e a estrutura argumental da Língua Brasileira de Sinais

Maria Antonieta Pereira Tigre Almeida (FAINOR)
Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (UESB)

RESUMO: Objetivamos analisar a estrutura argumental verbal da Língua Brasileira de Sinais (Libras) a partir de *corpus* constituído de amostras de fala em Libras produzidas por sujeitos-informantes surdos, gravadas em vídeo e transcritas por meio da escrita SEL (Sistema de Escrita para Língua de Sinais). Fundamentamos nossa discussão no quadro teórico gerativista e na hipótese da unidade MLMov (Mão-Localização-Movimento) de Lessa-de-Oliveira (2012) para a identificação dos sinais da Libras. Como resultados observamos que: (i) os sinais são formados por uma, duas ou três unidades MLMov, caracterizadas conforme as raízes semânticas abarcadas; e (ii) a estrutura argumental verbal da Libras ocorre através de saturação: por categorias lexicais, por categorias vazias, por Locs (Localizadores) ou por autossaturação.

Palavras-chave: Gramática Gerativa; Libras; Saturação de Predicadores; Unidade MLMov; Verbo.


Introdução

As línguas de sinais sempre existiram como forma de os indivíduos surdos estabelecerem comunicação. No entanto, os linguistas clássicos não fizeram referência à modalidade de língua gestovisual, cabendo ao americano William Stokoe (1960) iniciar a investigação da relação entre as características de línguas de sinais e os princípios das línguas

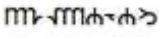
naturais com seus desdobramentos.¹ Os estudos avançaram no sentido da investigação dos componentes do sinal, com as contribuições de Battison (1974, 1978), entre outros. Considerando o *status* de língua natural para as línguas de sinais, defendido desde o início pelos pesquisadores, cabe às nossas investigações buscar as propriedades das línguas naturais em línguas dessa modalidade. Assim, optamos por investigar um aspecto básico na estrutura hierárquica da sentença conforme a perspectiva gerativista, qual seja: a estrutura argumental dos sintagmas em Libras.

A proposta deste trabalho foi, portanto, investigar as estruturas frasais (ou sintagmáticas) em Libras. Optamos por analisar os dados procurando a relação binária entre “predicador” e “argumento”, fazendo a partir daí uma análise da natureza desses processos de predicação, com a intenção de capturar apenas o traço semântico na relação entre os elementos (considerando que predicador é o termo que atribui um papel temático ao argumento). Ou seja, limitamos este estudo à análise de aspectos relativos à seleção semântica.

Para tal investigação precisamos considerar as características peculiares à natureza gestovisual das línguas de sinais. Explica Lessa-de-Oliveira (2012) que um sinal pode corresponder a uma palavra, mas também a uma sentença inteira, ocorrendo, simultaneamente, em um único sinal, a raiz verbal e seus argumentos (complementos), como foi observado por Veloso (2010, p.60) em seus dados. A autora observou que, para sinalizar a

frase “um carro ultrapassou outro carro”, um surdo posicionou as duas mãos espalmadas () no eixo anterior/palma para baixo e a mão direita fez um movimento semicircular se posicionando à frente da mão esquerda.² Explica a autora que, nesse exemplo, a mão direita realizou o movimento que constitui a raiz verbal do sinal ULTRAPASS[ar],³ enquanto a

¹ Este pesquisador, procurando descrever a ASL (*American Sign Language*), propôs um esquema de análise linguística baseado em três elementos básicos, hoje denominados parâmetros, que isolados não significam nada, mas em conjunto com outros elementos formam o que é conhecido como “sinal”, elemento de base, que corresponde ao signo linguístico na comunicação em línguas de sinais. O termo “parâmetro”, neste caso, nada tem a ver com “parâmetro” conforme trata a teoria gerativa.

² Em escrita SEL, este sinal pode ser representado da seguinte maneira: . Ou seja, podemos utilizar o sistema SEL para grafar essa frase da mesma forma que se grafam os sinais. Vemos com esse dado que o que em línguas como o português ocorre em forma de sentença, em Libras pode ser expresso com um único sinal. (Para ver as regras do Sistema de Escrita SEL acessar o blog www.sel-libras.blogspot.com.br).

³ Utilizamos em nossas glosas as seguintes normas:

- I. Os sinais são sempre grafados em caixa alta.
- II. A datilologia é grafada com hifens separando os caracteres.
- III. Os morfemas flexionais ou derivacionais do português são escritos com letras minúsculas e colocados entre colchetes sempre que houver algum tipo de oposição morfológica possível. Ex.: TRABALH[o]/TRABALH[ar]; CAS[ar]/CAS[amento]. (Para não haver dificuldade com a grafia dos verbos irregulares, optamos por utilizar somente a forma verbal infinitiva; e o que fica entre os colchetes é mais definido pela ortografia do que pela estrutura morfológica, por exemplo, FOR[te/ça]).
- IV. Se houver dupla possibilidade de inclusão de um morfema, colocamos os dois entre colchetes separados por uma barra. Ex.: EL[e/a].
- V. A intensificação de um sinal por mudança de ritmo do movimento ou por expressão facial e a negação por sinal que já inclui essa propriedade são representadas pela escrita das palavras “muito” e “não”, em letras minúsculas sobrescrito, do lado direito do sinal. Ex.: FOR[te]^{muito}; QUER[er]^{não}.

configuração da mão e sua orientação representam o argumento externo (o primeiro carro). Já a mão esquerda representa o argumento interno (o segundo carro).

Também seriam recorrentes nas línguas de sinais os chamados “processos miméticos”. Segundo Felipe (2007), a Libras, assim como outras línguas de sinais, podem introduzir a mímica juntamente com a estrutura frasal, e este processo transforma, conforme a autora, a mímica em uma forma linguística que representa iconicamente o referente a partir dos parâmetros de configuração sígnica e da sintaxe da língua.

Observa Lessa-de-Oliveira (2012) que a presença desses processos miméticos em Libras é tão forte que se verificam alterações na realização de sinais em certos contextos, ou na realização de sentenças, configurando-se um tipo de variação ocasional. Como exemplo, a autora cita um caso em que um de seus sujeitos-informantes surdos realizou, de maneira inusitada, o sinal OVO (que em Libras representa a imagem de um ovo sendo quebrado ao meio, deixando clara e gema cair). Este sujeito-informante optou por “não quebrar o ovo”, deixando de realizar o movimento próprio deste sinal. Isto teria ocorrido porque o sujeito-informante contava a história de um pintinho que nasceria desse ovo; portanto, para ele “o ovo não deveria se apresentar quebrado”.

Outro aspecto relevante a considerar são os sinais de “apontação”, que são elementos dêiticos próprios de línguas de sinais, tratados por Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) como “Localizadores” (Locs).⁴ Segundo as autoras, esses seriam sinais de apontação que podem funcionar como argumentos de raízes lexicais. Tais elementos dêiticos marcam referentes reais ou imaginários no espaço físico da enunciação e podem ser articulados ou não-articulados, conforme as autoras.⁵ Prado (2014) afirma ainda que estes elementos pertencem à categoria D por terem a característica principal de marcação de referentes, subcategorizando itens nominais (NPs) realizados, ou ocorrendo como proformas (com NPs vazios). Segundo essa autora haveria em Libras três tipos de Locs: tipo 1 – posposto ao nome, com baixa especificação; tipo 2 – anteposto ao nome (“este” e demais demonstrativos), com especificação mediana; e tipo 3 (“ele” e demais proformas), altamente especificado.

Todos esses fenômenos são muito comuns em línguas de sinais. Assim, considerando estes aspectos, realizamos nosso estudo da estrutura argumental da Libras partindo de investigação da estrutura interna do sinal. Segundo Lessa-de-Oliveira (2012), os parâmetros das línguas de sinais, descritos por Stokoe e outros autores⁶ são apenas traços que formam

VI. Apontações por Localizadores são grafadas, utilizando-se a abreviação Loc com o referente indicado pelo Localizador grafado logo em seguida com letra maiúscula. Ex.: LocEU, LocAQUI, LocMARIA.

VII. Apontações por verbos direcionais são grafadas, utilizando-se a abreviação Loc com sua indicação do referente subscritos. Ex.: LocVOCÊAVIS[ar]_{LocEU}.

VIII. O fenômeno da incorporação de argumentos (ou autossaturação) é indicada pela subscrição do argumento escrito em maiúsculas. Ex.: BATER_{À PORTA}

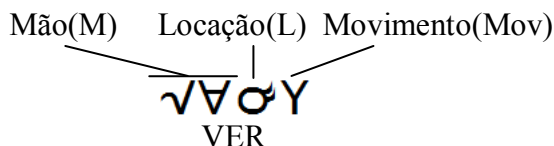
IX. Categorias vazias são indicadas pelo símbolo Ø.

⁴ Alguns autores tratam esses elementos como dêiticos, dêiticos-anafóricos ou lócus.

⁵ Como vamos mostrar mais adiante, os Locs articulados são os realizados por um sinal articulado como unidade MLMov e os não-articulados não são realizados dessa forma, são realizados por meio de direção do olhar, giro de corpo ou verbos direcionais.

⁶ Os parâmetros descritos por Stokoe (1960) foram: configuração de mão, locação e movimento de mão. A estes parâmetros foram acrescentados posteriormente por Battison (1974, 1978) direção de mão, expressão facial. Lessa-de-Oliveira (2012), concluindo que esses cinco segmentos não correspondem à totalidade dos traços articulatórios de línguas de sinais, acrescenta a essa lista os seguintes traços: três planos de realização do movimento (denominados por ela de planos frontal, transversal e sagital), três eixos de posição da mão

segmentos superiores de três tipos distintos, os quais a autora denomina como macrossegmentos. São eles: Mão(M), Locação(L) e Movimento(Mov), e cada um desses macrossegmentos apresenta traços tridimensionais peculiares. Esses macrossegmentos formam, conforme a autora, as unidades MLMov, as quais compõem os sinais. Ainda conforme a autora, a maioria dos sinais são formados por uma única unidade MLMov, ocorrendo mais raramente sinais formados por duas ou três dessas unidades. Vejamos um exemplo da unidade MLMov representada pelo Sistema de Escrita para Língua de Sinais (SEL):⁷



Aqui temos a descrição de um sinal em que o macrossegmento Mão (M) é representado por dois caracteres, sendo o primeiro o de configuração de mão em vê ($\sqrt{\nabla}$), seguido do caractere de eixo superior e palma para frente (∇); o (L) é representado pelo caractere olho (σ); e o macrossegmento Movimento (Mov) é representado pelo último caractere como movimento retilíneo para frente (Υ).

Para proceder à análise do estudo, o caminho a seguir foi investigar a estrutura argumental a partir da identificação da relação de predicação entre dois ou mais sinais. Para isso, nos valem do conceito de unidades MLMov para identificar as execuções gestuais que podiam ser consideradas sinais, separando-as dos processos miméticos (envolvendo modificação ocasional de sinais) ou da mímica propriamente dita.

Neste tipo de estudo o método de transcrição dos dados se mostrou algo relevante. Na maioria das vezes, o pesquisador, que utiliza um sistema de notação baseado em glosas, e nada mais, faz a transcrição a partir de uma interpretação possível na língua que serve como glosa, o que dificulta a continuidade da pesquisa por outro pesquisador.⁸ Apontamos como maior problema para este tipo de transcrição o fato de o pesquisador acabar por analisar “dados” que não refletem a língua de sinais, mas as características gramaticais da língua utilizada nas glosas, uma vez que a estrutura gramatical desses dados em glosas não pode ser a da língua de sinais pesquisada. Dessa forma, optando, neste estudo, por utilizar um método de transcrição que nos livrasse dos problemas acima, recorreremos à escrita SEL, um sistema de

(denominados por ela de eixos superior, anterior e lateral) movimento de dedos e pontos de toque. Planos de realização de movimento são discutidos também por Brentari (1998).

⁷ Lessa-de-Oliveira (2012, p. 166) apresenta esse sinal com o eixo anterior palma para baixo ($\sqrt{\nabla} \sigma \Upsilon$), o que é apenas uma variação da realização do mesmo.

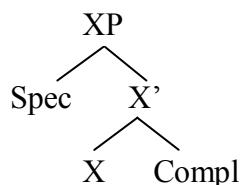
⁸ Informam McCleary e Viotti (2007, p. 26) que, nos textos pioneiros de Ferreira Brito “foi usado um sistema de notação por glosas (Ferreira Brito 1995: 207-209), apesar de a autora ter também publicado (com Remi Langevin) um detalhado sistema analítico de notação por traços (Ferreira Brito 1995: 211-242).” A transcrição por glosas passou a ser o padrão a partir de então “com algumas variações, em dissertações e teses sobre a gramática da LSB (Felipe 1988, 1998; Santos 2002: 277-280; Chan-Vianna 2003: iv-v; Finau 2004: 227-228).” (idem). Mas o problema da transcrição de dados de línguas de sinais tem sido considerado hoje em dia. A literatura internacional tem apontando as limitações dos procedimentos de transcrições que vêm sendo adotados (Ver Liddell, 2003, e McCleary e Viotti, 2007, p.47).

escrita para língua de sinais desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012), em projeto de pesquisa, financiado pelo CNPq (Processo: 483450/2009-0) e pela FAPESB (Termo de Outorga: PPP 0080/2010), realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, entre 2009 e 2012.⁹

1. As bases gerativistas da estrutura frasal

Conforme a teoria gerativa, “a sentença em qualquer língua é composta por constituintes que se relacionam de modo hierárquico, partindo da composição de constituintes menores para constituintes maiores, chegando ao constituinte que é o axioma da sintaxe: a sentença” (MIOTO *et al*, 2004, p. 46). A teoria gerativa faz uma discussão de como representar em módulos um constituinte através da Teoria X-barrada.¹⁰ Esta teoria pode ser aplicada a todas as línguas naturais, para representar os constituintes. Nesta perspectiva é comum recorrer-se à variável X, que assume seu valor a depender da categoria de seu núcleo. Se for um nome o valor de X será N; se for um verbo, será um V; se for uma preposição será um P e assim segue. Este núcleo X (categoria mínima) vai determinar as relações internas aos constituintes marcados em dois níveis: o nível X' (nível intermediário) e o nível XP (nível sintagmático).

Nas projeções intermediárias, o núcleo pode estar relacionado com os complementos (Compl) e na projeção máxima pode estar relacionado com um especificador (Spec), conforme a representação abaixo.



Explica Raposo (1992) que os argumentos de um predicador verbal são equivalentes ao sujeito e aos complementos subcategorizados pelo predicador. Ao estabelecer sentido, estabelecem-se tipos de relações semânticas entre o predicador particular e seus argumentos; essas relações semânticas são chamadas de papéis temáticos. Os papéis temáticos são, portanto, funções semânticas associadas aos argumentos de um predicador, segundo o sentido específico do predicador.

De acordo com a proposta gerativa, a língua-I¹¹ consiste de um léxico, mas também de um sistema computacional. O sistema computacional se constitui em níveis de representação.

⁹ Lessa-de-Oliveira desenvolveu o sistema SEL (Sistema de Escrita para Língua de Sinais) a partir da unidade MLMov, descoberta por ela. A versão do sistema que utilizamos na transcrição dos dados apresentados neste artigo foi atualizada em dezembro de 2014, portanto, apresenta algumas diferenças da versão apresentada em Lessa-de-Oliveira (2012) e Almeida (2013). Para conhecimento deste sistema, com suas atualizações, consulte o blog “Escrita SEL” no endereço: www.sel-Libras.blogspot.com.br

¹⁰ Módulo da gramática para representação dos constituintes da sentença de forma hierarquizada.

¹¹ O conceito de Língua-I (conjunto de regras e princípios que estão na cabeça dos falantes) se opõe ao de língua-E (conjunto possível de sentenças).

No Programa Minimalista,¹² permanecem apenas os níveis Forma Fonética (PF) e Forma Lógica (LF), os quais se compõem como indicadores sintagmáticos, por sua vez formados de elementos atômicos primitivos.¹³

De acordo com Chomsky e Lasnik (1995), o léxico é o repositório de todas as propriedades dos itens lexicais. Com base nessa perspectiva, a representação da forma fonológica de cada item, a especificação de sua categoria sintática e suas características semânticas são determinadas por essas propriedades. Dessa forma, assumem Chomsky e Lasnik (1995) que as propriedades de seleção semântica e sintática dos itens lexicais especificam a “estrutura argumental” de um núcleo, indicando quantos argumentos o núcleo licencia e que funções semânticas cada um deles recebe.

Em Chomsky (1965), as condições de subcategorização e seleção desempenhavam um papel central na construção da estrutura argumental. Na Teoria de Princípios e Parâmetros, conforme Chomsky e Lasnik (1995), concebe-se a subcategorização praticamente como uma consequência quase completa de especificação de funções- θ .¹⁴ Assim, para receber uma função- θ particular (um papel temático), os traços semânticos inerentes de um argumento têm de ser compatíveis com essa função.

A teoria dos papéis temáticos é amplamente aceita entre os linguistas, podendo ser compreendida como uma forma de analisar a estrutura argumental de núcleos predicadores, como os verbos, sob o aspecto de funções semânticas associadas a argumentos, “que lhe completam o sentido, convertendo o predicador numa expressão semanticamente completa (ou saturada, para empregar um termo proposto pelo lógico alemão Gottlob Frege)” (RAPOSO, 1992, p. 275).

Sabemos que, em princípio, todas as categorias lexicais como Nome (N), Verbo (V), Preposição (P), Adjetivo (A) e Advérbio (Adv) pressupõem a capacidade de selecionar argumentos, mas os verbos e os adjetivos seriam os predicadores por excelência, como afirma Raposo (1992). Quanto à condição de argumento, “para que uma categoria possa estabelecer uma relação semântica com um predicador (...), é necessário que tenha um *potencial de referência*, isto é, que possa servir para designar entidades (...) ou situações (...) do universo discursivo” (RAPOSO, 1992, p. 279).¹⁵

Conforme Chomsky (1986), as noções de argumentos interno e externo se relacionam diretamente com o predicador. Já os adjuntos são compreendidos em termos de inclusão de constituintes. Em outras palavras, enquanto um argumento é um constituinte incluído na projeção máxima do núcleo com o qual este se relaciona, um adjunto é um constituinte que está apenas contido na projeção máxima de um núcleo. No âmbito da estruturação sintática, são necessárias informações acerca dos predicadores, qual o número de argumentos exigidos para se tornarem saturados. Conforme o Programa Minimalista da Teoria Gerativa, estas informações estão no léxico, ao qual o falante tem acesso ao adquirir uma língua.

Essa discussão nos mostra que as relações semânticas estabelecidas pelos papéis temáticos que os predicadores atribuem aos seus argumentos são expressas por diferentes

¹² Ver Chomsky (1995).

¹³ Segundo Chomsky e Lasnik (1995), são primitivos porque são não decomponíveis, embora sejam constituídos de traços.

¹⁴ Funções semânticas ou Papéis- θ (theta) atribuídos pelo núcleo predicador (um verbo, um nome etc.) a seus argumentos, na seleção semântica (a s-seleção).

¹⁵ Ver Jackendoff (1972).

sistemas, ocasionando diferentes tipos de línguas. Qualquer falante natural de uma língua é capaz de produzir sentenças gramaticais,¹⁶ assim também é com os falantes da Libras, assumindo que essa seja uma língua natural. Tendo esta natureza, as sentenças produzidas por eles podem ser analisadas por instrumentos teóricos linguísticos, fazendo-se o detalhamento dos seus constituintes e identificando as relações gramaticais estabelecidas nos enunciados produzidos por estes falantes.

2. Aspectos da estrutura do sinal e dos verbos em Libras

Em nossa análise da estrutura argumental da Libras consideramos diferentes tipos de sinais, identificando-os como segmentos articulatórios formados pela unidade MLMov. Encontramos, nessa língua, sinais formados por uma única unidade MLMov, a maioria deles, e sinais formados por duas ou três dessas unidades. No *corpus* que estudamos, encontramos os seguintes tipos de sinais em Libras:

- A - Sinais formados por uma única unidade MLMov, que se subdividem em:¹⁷
 (i) Sinal que comporta em sua totalidade uma raiz semântica:

¹⁶ Sentenças consideradas gramaticais são aquelas formadas pelo falante nativo de uma determinada língua baseadas na sua gramática internalizada, um conjunto de regras que rege a distribuição dos itens na sentença. Explica Mioto *et al* (2004) que o que permite a um falante decidir se uma sentença é gramatical é o conhecimento que ele tem da sua língua, através da competência linguística.

¹⁷ Conforme Lessa-de-Oliveira (2012), a maioria dos sinais da Libras são formados por uma única unidade MLMov. Entre esses sinais se encontram aqueles poucos casos em que não ocorre o macrossegmento Mão, ou seja, faltam configuração e, conseqüentemente, eixo da mão. Nesses casos, o que assume o papel de articulador, normalmente desempenhado pela mão, é uma parte do corpo. Segundo Marinho (2014), Araújo (2013) realizou um levantamento em dicionários e em dados primários de sua pesquisa e encontrou apenas 4 sinais que dispensaram o uso das mãos e são produzidos por expressões faciais ('mastigar', 'bochechar', 'sexo' e 'roubar'). Em escrita SEL, o articulador é representado, nesses sinais, por um caractere de Locação. Assim, esses sinais

podem ser escritos neste sistema da seguinte forma: no sinal (ROUB[ar/o]), o articulador (língua) faz, na (bochecha), o movimento (semicircular para frente no plano transversal), provocando o efeito de expressão facial (uma bochecha inflada); no sinal (SEXO/FAZER SEXO), o articulador (língua) faz, na bochecha , o movimento (duas batidas), provocando o efeito de expressão facial (uma bochecha inflada); no sinal (BOCHECH[ar/a]) o articulador (boca) faz, no espaço neutro, o movimento (retilíneo à esquerda e à direita), acompanhado da expressão facial (ambas as bochecha infladas); e no sinal (MASTIG[ar/ção]), os caracteres representam: o articulador (queixo), que faz, no espaço neutro, o movimento (semicircular à esquerda duas vezes). Como, nos sinais BOCHECH[ar/a] e MASTIG[ar/ção], a Locação é o espaço neutro, não é preciso representar este macrossegmento com um caractere, pois esta é a regra do sistema SEL.

ESTUD[ar/o]

Todos os elementos desse sinal, em conjunto, formam a raiz semântica “estudar”.

(ii) Sinal que comporta uma raiz semântica em parte dos seus segmentos:

QUATRO TIPOS

Neste exemplo, parte do macrossegmento “Mão”, a parte que corresponde à mão de

base, realiza um sinal correspondente ao algarismo quatro (). O restante dos elementos da unidade não representa nada isoladamente, embora corresponda a uma parte do sinal TIPO, que aparece no dicionário Lira e Felipe (2008).

(iii) Sinal que comporta mais de uma raiz semântica:

QUATRO TIPOS DIFERENTES

O sinal correspondente ao algarismo quatro é realizado com a mão de base (), enquanto a mão principal realiza, conjuntamente e associada ao sinal QUATRO, a outra parte deste sinal (), que isoladamente corresponde ao sinal (DIFEREN[te/ça]) realizado com uma única mão, com alteração do eixo () e acréscimo de um movimento retilíneo para direita ().¹⁸

B - Sinais formados por mais de uma unidade MLMov, que se subdividem em:

(i) Sinal composto por unidades que não significam nada sozinhas:

BOLO

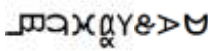
As unidades desse sinal são: 1ª ; 2ª ; 3ª . Nenhuma delas significa nada isoladamente.

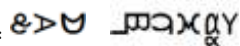

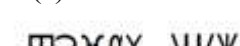
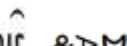

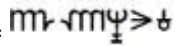

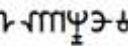
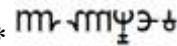
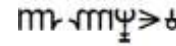
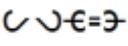
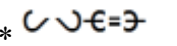
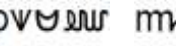
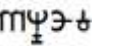
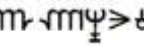


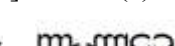

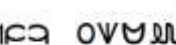
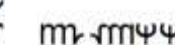
(ii) Sinal composto por unidades das quais apenas uma corresponde a outro sinal isoladamente.¹⁹

¹⁸ Apesar da diferença de eixo e acréscimo de movimento, estamos considerando nessa análise a conservação da raiz semântica DIFEREN[te/ça] porque o falante de Libras reconhece nessa parte do sinal esse conteúdo semântico.

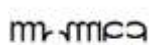
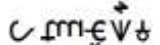
¹⁹ Alguns dos exemplos que incluímos neste tipo B(ii), como ONÇA e ZEBRA, apresentam o que alguns autores tratam como classificador. Para Quadros e Karnopp (2004, p. 93) “os classificadores têm distintas propriedades morfológicas, que são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão


Testes de mudança de ordem das unidades MLMov dos sinais formados por mais de uma dessas unidades atestam que os segmentos apresentados acima correspondem aos tipos de itens lexicais que descrevemos. O exemplo (1a) abaixo mostra que não é possível mudar a

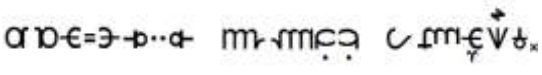
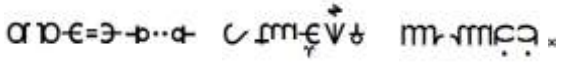
ordem das unidades MLMov componentes do sinal  (MÃE), por exemplo, que é do mesmo tipo de sinal ONÇA, e (1b) mostra que não é possível intercalar um adjetivo entre essas unidades. Os exemplos (2) e (3) mostram que o mesmo ocorre com os sinais BOLO e ESCOLA. No caso das unidades do sinal ESCOLA a mudança de ordem ou intercalação de um adjetivo faz com que essas unidades sejam entendidas por seus sentidos primitivos de unidades isoladas, ou seja, não correspondem ao item lexical “escola”, mas a dois outros itens lexicais.


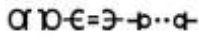

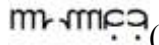
- (1) a. *  
 (?) MULHER
- b. *   
 MULHER BONIT[a] (?)
- (2) a. *   
 (?) (?) (?)
- b. *   
 (?) (?) (?)
- c. *    
 (?) BO[m/a] (?) (?)
- (3) a.   
 [ir] ESTUD[ar] CASA
 ‘≠ vou para a escola; = vou estudar em casa’
- b.   
 CASA BO[m/a] ESTUD[ar/o]
 ‘≠ escola boa; = casa boa para estudar’

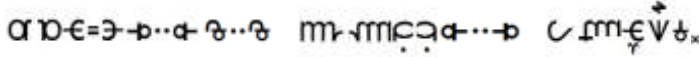
A possibilidade de mudança na ordem das unidades MLMov indica que estes são itens

lexicais distintos. Assim, as unidades  e , interpretadas muitas vezes, em conjunto, como o verbo *morar*, podem mudar de ordem como em (4a) e (4b) sem alterar o sentido. Isto indica que não temos aí um sinal, MOR[ar], mas dois, CASA e DENTRO.


. A primeira unidade sozinha corresponde ao sinal CAVALO e a segunda unidade é idêntica ao sinal PIJAMA. Embora isso ocorra, classificamos este sinal como do tipo (ii) porque o significado do sinal PIJAMA não participa da composição do sinal ZEBRA, diferentemente do que ocorre com o sinal ESCOLA, em que a composição *casa+estudo* se dá pela composição dos significados de dois sinais, literalmente, *casa de estudo*.

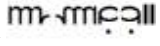
- (4) a. 
 AJUNT[ar] CASA DENTRO
 ‘Ajuntaram-se dentro de casa’ (literalmente) ou ‘Foram morar juntos’.
- b. 
 AJUNT[ar] DENTRO CASA
 ‘Ajuntaram-se dentro de casa’ (literalmente) ou ‘Foram morar juntos’.

Os sinais podem ser acrescidos de segmentos, principalmente de movimento, para englobar uma informação que cabe a um adjunto em línguas como o Português. Observamos, no exemplo abaixo, o acréscimo do movimento semicircular à direita  no sinal  (AJUNT[ar]), acrescentando neste um valor adverbial de “lugar” (onde se ajuntaram), e um acréscimo de movimento retilíneo para a esquerda pela mão esquerda e para a direita pela mão direita  no sinal  (CASA), acrescentando neste o valor adjetival “grande”.

- (5) 
 AJUNT[ar]_{LocCASA}²² CASA_{grande}²³ DENTRO
 ‘Ajuntaram-se dentro de uma casa grande’ (literalmente) ou ‘Foram morar juntos em uma casa grande’.

Com base na identificação desses tipos articulatórios de sinais em Libras, pudemos isolar sinais que, de acordo com o contexto sintático em que se encontravam, foram identificados como núcleos de um VP. Assim, considerando a constituição da estrutura argumental do VP, observamos ocorrência não apenas de verbos plenos, mas também do copulativo “ser”, que pode ocorrer ou não em Libras, e do auxiliar “ir”. No quadro abaixo, apresentamos os tipos de verbos encontrados em nosso *corpus*:

²² A glosa _{LocCASA} corresponde a  (movimento semicircular à direita).

²³ Em normas iniciais estabelecidas para a escrita SEL a representação deste modificador é feita com o diacrítico intensificador (||), ficando com a grafia  (casa grande). Mas a grafia para esse tipo de fenômeno não está, de fato, definida. Em trabalho de pesquisa atual, Lessa-de-oliveira investiga possíveis normas ortográficas para o sistema SEL. Pretende-se, como resultado desse trabalho, chegar à publicação de um dicionário baseado nessas normas ortográficas.

Em exemplos como (10), verificamos a necessidade da indicação do referente através de um Loc ($h\check{V}\alpha$) durante a execução do verbo.

- (10) a.* $\text{BEBÊ CINDERELA BRUX[a] ADOT[ar]}$
 b. $\text{BEBÊ CINDERELA BRUX[a] LocBEBÊ ADOT[ar]}$
 ‘O bebê Cinderela, a bruxa o adotou.’

O exemplo em (10a), que apresenta a ordem OSV, representa uma articulação linear dessa sentença, em que os sinais BEBÊ CINDERELA se desfazem para dar lugar aos próximos sinais na sequência da sentença. Articulada dessa maneira, esta sentença fica agramatical; mas, se articulada de forma a deixar o sinal BEBÊ permanecer (realizado com uma mão) enquanto os demais sinais são realizados, havendo a retomada deste referente com

a apontação para este por meio do $h\check{V}\alpha$ (LocBEBÊ), a sentença torna-se gramatical (10b). Existe a possibilidade de a ordem em (10b) ser SOV com BEBÊ CINDERELA como tópico.

Por fim, é comum em Libras a ocorrência de predicadores cujos argumentos estão incluídos neles próprios. A esse respeito verificamos que o sinal autossaturado $\text{TRABALH[ar]SERVIÇO DOMÉSTICO}$, que significa empregado doméstico, serviço doméstico ou trabalhar em serviço doméstico, não ocorre como argumento de trabalhar, como mostra (11b).

- (11) a. $\text{BRUX[a] MAND[ar] TRABALH[ar]SERVIÇO DOMÉSTICO}$
 ‘A bruxa manda fazer o serviço doméstico.’
 b.* $\text{BRUX[a] MAND[ar] TRABALH[ar] TRABALH[ar]SERVIÇO DOMÉSTICO}$
 ‘A bruxa manda fazer o serviço doméstico.’

Há verbos, porém, que podem se comportar como transitivos, isto é, apresentando seu objeto de forma dissociada, ou se comportar como um verbo autossaturado, com seu objeto incluído, como o sinal ENVI[ar] , que, no sentido mais geral, significando enviar qualquer coisa, aceita um objeto dissociado (12a), mas, significando enviar carta, o objeto tema não é realizado de forma dissociada (12b).

- (12) a. $\text{FLOR ENVI[ar]LocVOCÊ}$
 ‘Enviei uma flor para você’

- b.
 [ir] ENVI[ar]_{CARTA}LocVOCÊ
 ‘Vou te enviar uma carta’

3. A saturação de predicadores em Libras

Procuramos identificar, nos dados, um núcleo predicador semântico pela relação temática estabelecida entre este e seus argumentos, sempre lembrando que o sinal e por extensão a frase, em Libras, são estruturados no espaço tridimensional. Em outras palavras, a análise dos elementos linguísticos dos dados da pesquisa em questão procede com base no mapeamento de núcleos predicadores, que são os sinais carentes de saturação semântica. Quanto aos argumentos, estes são todos os sinais capazes de saturar os predicadores. Incluímos na estrutura argumental argumentos circunstanciais previstos pela estrutura temática de um predicador (cf. VAN VALIN Jr., 2001).

Nos dados analisados verificamos quatro possibilidades de saturação de núcleos predicadores: saturação por sinais lexicais, saturação por categorias vazias, saturação por Localizadores (Locs) e autossaturação. Os três últimos tipos se constituem a partir da condição tridimensional da Libras.

A Saturação por sinais lexicais ocorre quando cada um dos argumentos corresponde a um sinal com a composição MLMov, isto é, um item formado por uma ou mais dessas unidades.²⁵

- (13)
 [VP [NP] [V']
 MÃE MORR[er]
 ‘A mãe morre.’

Nestas sentenças analisadas como de saturação por sinais lexicais percebemos uma relação de predicador e argumento preenchida por elementos MLMov. Assim, temos em (13) o sinal MÃE formado, como vimos acima, por duas unidades MLMov que correspondem ao sinal MULHER mais uma unidade que traz, de forma icônica, o conteúdo semântico correspondente a bênção, formando, portanto, um sinal complexo. Este item é selecionado pelo sinal MORR[er], que lhe atribui o papel de tema. Embora tenhamos representado o sinal

(MORR[er]) como um núcleo V, as interpretações possíveis são: “a mãe morre” ou “a mãe está morta”, pois não há neste sinal nenhum morfema que indique que sua categoria seja verbal, adjetival ou nominal; e, nem sempre, em Libras, verbos de ligação estão expressos em sentenças de predicados nominais (como vimos na seção anterior), isto é, em que ocorra um predicativo do sujeito. A interpretação como sintagma nominal – a morte da mãe – é descartada pelo fato de este sintagma não estar selecionado como argumento de outro predicador.

²⁵ A notação que fizemos limita-se à estrutura argumental, não englobando, portanto, nada que diga respeito à parte funcional do verbo em Libras, que vai além da alçada deste estudo, e sobre a qual temos ainda muito pouco conhecimento.

A Saturação por Localizadores (Locs) ocorre quando o argumento se realiza como um ponto no espaço físico que corresponde a um referente real ou imaginário. Conforme Prado e Lessa-de-Oliveira (2012), os Locs podem ser articulados ou não-articulados. Se articulado, este se realiza por meio de um sinal de apontação; se não-articulado, este se realiza pela direção do olhar, giro de corpo ou direção do movimento para o ponto Localizador. Os Locs não-articulados aparecem em nossa notação como \emptyset (com a glosa Loc seguido do nome do referente), porque de fato não são realizados como um sinal articulado por unidades MLMov. Entretanto, não o consideramos como uma categoria vazia da natureza das demais, porque eles são realizados por direção do olhar, giro de corpo ou verbos direcionais. Assim, em (14a)

temos o argumento interno preenchido por um sinal de apontação ($h\check{V}\alpha$ -LocBEBÊ) que, pelo contexto, identificamos como seu referente o “bebê Cinderela”; e, em (14b), temos o argumento interno do verbo “desprezar” preenchido por uma apontação do tipo direção do olhar e o argumento externo preenchido também por um Loc não-articulado identificado pelo próprio corpo do narrador, que assume a personagem nessa fala.²⁶ Já em (14c) o verbo direcional AGRADEC[er] tem o seu objeto definido na direção de seu movimento.

- (14) a. [VP [NP BRUX[a]] [V' ADOT[ar] [$h\check{V}\alpha$]]]
 ‘A bruxa o adota.’
- b. [VP [NP \emptyset] [V' DESPREZ[ar] [\emptyset]]]
 LocEU/BRUXA
 ‘A bruxa despreza a Cinderela.’
- c. [VP [NP BRUX[a]] [V' AGRADEC[er] [\emptyset]]]
 LocMENSAGEIRO
 ‘A bruxa agradece ao mensageiro.’

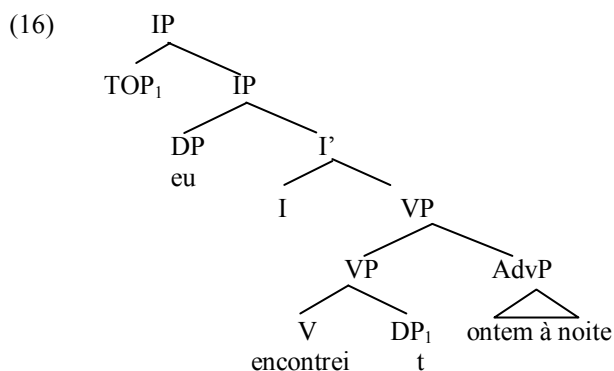
Na saturação por categorias vazias o argumento não é preenchido por nenhum sinal articulado, nem se relaciona a algum ponto do espaço físico como os Locs.

- (15) a. [VP [V' S[er] [\emptyset]]]
 [SC \emptyset BRUX[a]]
 ‘É a bruxa.’
- b. [VP [NP \emptyset] [V' AJUNT[ar] [\emptyset]]]
 [AdvP [NP CASA DENTRO]]
 ‘Ajuntaram-se dentro de casa’ (literalmente) ou ‘Foram morar juntos’.

²⁶ Pelo fato de os Locs fazerem essa retomada de referentes já mencionados, alguns autores tratam esses elementos como dêiticos-anafóricos. Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) e Prado (2014) defendem, entretanto, que o que estes elementos fazem é coesão textual através da dêixis. Segundo as autoras, os Locs não se ligam a referentes no discurso, se ligam diretamente a referentes no espaço físico, por isso o processo, neste caso, compreende apenas a dêixis.

Diferentemente do que ocorre com a saturação por Loc não-articulado, as categorias vazias em (15) não são indicadas pela direção do verbo nem por recursos como “giro de corpo” ou “direção do olhar”. Em (15a), temos realmente uma categoria vazia semelhante à que ocorre em línguas românicas como sujeito nulo. Em (15b) temos, além do sujeito nulo, outro tipo de categoria vazia encontrada nos dados, que pode ser considerada uma espécie de “nulo discursivamente identificado”. As interpretações deste sinal como categoria nominal (o ajuntamento de todos dentro de casa) ou adjetival (todos juntos dentro de casa) são descartadas porque este sintagma não foi selecionado como argumento por outro predador nem ocupa este a posição de adjunto.


Raposo (1992), considerando o fenômeno dos “objetos nulos discursivamente identificados” explica que, se não dermos o contexto discursivo adequado, enunciados como “Encontrei ontem à noite.” ou “Eu vi ontem na TV.” são agramaticais, porque lhes falta o argumento interno direto obrigatoriamente selecionado pelos verbos dessas sentenças. Para não ferir o Princípio da Projeção e o Critério- \emptyset , Raposo (1986) propõe uma estrutura em que um tópico discursivo atribui valor semântico ao objeto.

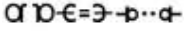


(RAPOSO,1986, *apud* RAPOSO,1992, p. 341)

Podemos considerar essa possibilidade para analisar o argumento interno nulo do sinal AJUNT[ar], em (15b), isto é, o referente dessa categoria vazia se constitui na relação com um tópico discursivo, pragmaticamente identificado, podendo essa categoria ser projetada e \emptyset -marcada. Assim, a categoria vazia que é argumento interno do sinal AJUNT[ar] recebe o papel temático de tema, pois, tendo um referente, ainda que nulo, tem suporte para receber um papel temático. O sinal AJUNT[ar] atribui ainda o papel de locativo ao constituinte CASA DENTRO, que é o seu segundo argumento interno.

Curiosamente, o sujeito-informante surdo acrescentou um movimento a mais no sinal

AJUNT[ar], o movimento semicircular à direita, no plano frontal ().²⁷ Tal movimento representa uma predicação de saturação locativa acrescentada ao verbo (ajuntou-se algo em algum lugar), fazendo-se uma junção entre os sinais AJUNT[ar] e COLOC[ar]. Assim, temos um verbo que seleciona três argumentos.

²⁷ O sinal ajuntar padrão é .

Até aqui conseguimos levantar possibilidades de análises que identificam nas categorias vazias da Libras propriedades de categorias vazias de línguas orais. Porém, tal conformidade não abrange todos os casos de categorias vazias encontrados nos dados. É o que ocorre com outra categoria vazia (sem Loc) do exemplo (15b), que é o argumento externo do sinal AJUNT[ar]. Embora ocupe a posição de sujeito desta sentença, este constituinte não corresponde exatamente ao que é analisado como sujeito nulo de línguas românicas, uma vez que não há em Libras uma morfologia verbal flexional que identifique a pessoa, necessária neste contexto. Assim como o objeto tema, o sujeito de AJUNT[ar] em (15b) é referenciado pragmaticamente. Dessa forma, podemos pensar na possibilidade de um tópico discursivo atribuir valor semântico também para a categoria vazia na posição de sujeito, em frases como (15b).

Por fim, observamos em nossos dados da Libras um tipo de predicação que denominamos Autossaturação. Este tipo de saturação compreende a junção de predicador e argumento interno ou externo em um único sinal, articulado como unidade MLMov.

- (17) a. $[VP [NP \emptyset] [V' \text{m} \cdot \text{m} \cdot \text{p} \cdot \text{h} \cdot \text{y} \cdot \text{y} [\emptyset]]]$
 LocIND. ENVI[ar]_{MENSAGEM} LocBRUXA
 ‘Enviaram uma mensagem à bruxa’
- b. $[VP [NP \text{BRUX}[a] [V' \text{OUV}[ir] [XP \emptyset \text{BAT}[er] \text{À PORTA}]]]]]$
 ‘A bruxa ouve baterem à porta’
- c. $[VP \text{TRÊS-PESSOAS-CAMINH}[ar]]$
 ‘Três pessoas caminham’

Nos exemplos (17a) e (17b) encontramos autossaturação de argumento interno nos sinais ENVI[ar]_{MENSAGEM} e BAT[er]_{À PORTA}. Em ambos os casos o papel temático envolvido na autossaturação é o de tema. Este tipo de sentença autossaturada é um tipo de estruturação presente na Libras, em que um predicador específico exige um argumento específico, ou seja,

o sinal $\text{m} \cdot \text{b} \cdot \text{c} \cdot \text{a} \cdot \text{t} \cdot \text{a} \cdot \text{p} \cdot \text{o} \cdot \text{r} \cdot \text{t} \cdot \text{a}$ só ocorre com sentido de ‘bater à porta’. ‘Bater’ nos sentidos de ‘surrar’, ‘esbarrar’, ‘colidir’ etc. ocorre como outros sinais, com articulação completamente diferente. O predicador ‘bater’ exige dois argumentos para ter seu sentido semântico saturado. Apenas o argumento externo é saturado por outro sinal, que pode ser nulo, como no exemplo (17b).

Já em (17a), temos o LocIND (indeterminado) no ponto inicial do movimento como argumento externo, com papel de agente, e o LocBRUXA como argumento interno benefactivo, no ponto final do movimento. Quanto ao argumento interno tema, que significa ‘carta’, este ocorre por autossaturação. Ou seja, está incluído no próprio sinal. Vimos na seção anterior que este sinal pode ter como argumento interno também um argumento lexical

articulado desde que esteja anteposto, diferentemente do que ocorre com o sinal

(BAT[er]À PORTA) ou (TRABALH[ar]SERVIÇO DOMÉSTICO).

Por fim, observamos em (17c) autossaturação de argumento externo. O sinal CAMINH[ar] comumente apresenta o que se costuma chamar de classificador, em que a configuração de mão indica se se trata de um caminhar de pessoas ou animais e qual o tipo de

animal. No caso específico da frase em (17c), o macrossegmento Mão (configuração de mão -dáblio, no eixo anterior com palma para frente) indica a presença do referente “pessoas” amalgamado ao quantificador “três”. Este é o argumento externo do verbo

CAMINH[ar], que, por sua vez, é realizado pelo movimento da mão (sagital semicircular para frente).²⁸

Conclusão

O presente estudo representa apenas os primeiros passos de uma investigação que é uma verdadeira “mata virgem”, ou quase virgem, a ser desbravada. A Libras, assim como as outras línguas de sinais mundo afora, é ainda desconhecida em termos de sua estrutura tipológica e gramatical.

Nessa abertura de trilhas de uma mata fechada, dois instrumentos foram de fundamental importância, a escrita SEL e o conceito de unidade MLMov, de Lessa-de-Oliveira (2012). O sistema de escrita SEL foi fundamental na transcrição dos dados, pois nos possibilitou visualizar a articulação dos sinais, o que, por sua vez, nos possibilitou identificar tipos de saturação de predicadores bastante imbricados com a natureza articulatória da Libras, como é o caso da saturação por Locs e da autossaturação, distinguindo esses dos tipos da

²⁸ Observamos que uma das dificuldades com a definição do fenômeno *classificador* em línguas de sinais está no fato de se estar analisando como classificador coisas de naturezas diferentes. Talvez uma análise como a que fizemos aqui possa nos ajudar a entender os diferentes fenômenos incluídos nesse pacote. Esta análise nos mostra que o exame dos diversos fenômenos que envolvem as línguas de sinais passa primeiro pela investigação da natureza do sinal, distinguindo a natureza articulatória e os demais aspectos gramaticais. Então, vemos que, do ponto de vista articulatório, (17c), assim como (17a) e (17b), é um único sinal, pois comporta uma única unidade MLMov. Mas, em nível sintático, temos nestes sinais dois núcleos concatenados, um verbal e outro

nominal. Ou seja, o que temos, por exemplo, no macrossegmento Mão , que identifica o referente como do

gênero *pessoa*, tem, do ponto de vista sintático, características diferentes do macrossegmento Mão -

argola espriada, no eixo medial-lateral) que ocorre na segunda unidade MLMov do sinal

(ONÇA), para indicar as manchas arredondadas no corpo do animal, e do macrossegmento Mão

(configuração vê , no eixo anterior para dentro) que ocorre no sinal (CORT[ar/te]-COM-TESOURA), indicando o instrumento.

saturação por sinal lexical e da saturação por categoria vazia. Quanto à unidade MLMov, esta foi fundamental na identificação da estrutura dos sinais. Tal conceito nos possibilitou identificar os sinais isolados e os sinais amalgamados, como os autossaturados, na análise da estrutura argumental e na observação dos tipos de predicação.

Assim, com base na análise dessa unidade é que identificamos três tipos de articulação entre os sinais que se compõem por uma única unidade MLMov, quais sejam: (i) os que comportam em sua totalidade uma única raiz semântica; (ii) os que comportam uma raiz semântica em parte dos seus segmentos; e (iii) os que comportam mais de uma raiz semântica; e identificamos, em sinais constituídos por mais de uma unidade MLMov, também três tipos distintos: (i) sinal composto por unidades que não significam nada sozinhas; (ii) sinal composto por unidades das quais apenas uma corresponde a outro sinal isoladamente; e (iii) sinal composto por unidades que correspondem a outros sinais isoladamente.

Acreditamos que os resultados deste trabalho podem vir a contribuir interessantemente com os estudos de línguas de sinais, embora este represente apenas passos iniciais na investigação sobre a estrutura gramatical de sentenças em Libras.

The sign and the argument structure of the Brazilian Sign Language

ABSTRACT: We aimed to analyze the verbal argument structure of the Brazilian Sign Language (Libras) from speech samples in Libras produced by deaf informants. These data were videotaped and transcribed through writing SEL (Writing System of Sign Languages). We based our discussion on the generative theory and on the hypothesis of MLMov unit (Hand-Location-Movement) developed by Lessa-de-Oliveira (2012) for identifying signs of the Libras. The results indicated that the signs are formed by one, two or three MLMov units grouped according the semantic roots present; and the verbal argument structure of Libras occurs through: saturation by lexical categories, saturation by empty categories, saturation by Locs (Locators) or by self-saturation.

Keywords: Generative Grammar; Libras; Saturation of Predicators; MLMov Unit; Verb.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. P. T. *Aquisição da estrutura frasal na língua brasileira de sinais*. 2013. 91fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2013.

ARAUJO, A. D. S. *As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira*. 2013. 1v. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. *Sign Language Studies*, v. 5, p.1-19, 1974.

BATTISON, R. *Lexical borrowing in American sign language*. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

CHAN-VIANNA, A. C. Aquisição de português por surdos: estruturas de posse. 2003. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. *The knowledge of language: its nature, origin and use*. Praeger: New York, 1986.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Massachusetts: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N.; LASNIK, H. The Principles and Parameters Theory. In: CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Massachusetts: MIT Press, 1995. p. 51-196.

BRENTARI, D. *A Prosodic Model of Sign Language Phonology*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

FELIPE, T. O signo gestual-visual e sua estrutura frasal na língua dos sinais dos centros urbanos do Brasil (LSCB). 1988. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

FELIPE, T. A relação sintático-semântica dos verbos na língua brasileira de sinais: Libras. 1998. 143f. tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE, T. Os processos de formação de palavras na Libras, ETD – *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.200-217, jun. 2007.

FERREIRA BRITO, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FINAU, R. Os sinais de tempo e aspecto na Libras. 2004. 238f. tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix. 1978. p. 59-86.

JACKENDOFF, R. S. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Massachusetts: MIT Press, 1972.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear, *ReVEL - Línguas de sinais: cenário de práticas e fundamentos teóricos sobre a linguagem*, v. 10, n. 19, p.150-184, 2012.

LIDDELL, S. *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University press, 2003.

LIRA, G.; FELIPE, T. *Dicionário da língua brasileira de sinais*. Versão 2.1. Rio de Janeiro: INES, 2008. Disponível em: <www.acessobrasil.org.br> Acesso em 01/12/2012.

MARINHO, M. L. *Língua de sinais brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF*. 2014. 231f. Dissertação (Linguística). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – UnB. Brasília, 2014.

McCLEARY, L. E.; Viotti, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: SALLES, H. (org.). *Bilinguismo e surdez: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p. 23-96.

MIOTO, C. *et al. Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

PRADO, L. Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição. 2014. 164fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

PRADO, L.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. Dêixis em elementos constitutivos da modalidade “falada” de línguas de sinais, *ReVEL - Línguas de sinais: cenário de práticas e fundamentos teóricos sobre a linguagem*, v. 10, n. 19, p.38-57, 2012.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAPOSO, E. On the Null Object in European Portuguese. In: JAEGGLI, D.; CORVALÁN, C.S. (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Foris: Soldrech, 1986.

RAPOSO, E. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

SANTOS, D. V. Estudos de línguas de sinais: um contexto para a análise da língua brasileira de sinais (Libras). 2002. 378f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

STOKOE, W. *Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language*. Silver Spring, MD: Listok Press, 1960.

VAN VALIN Jr, R. D. *An introduction to syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

VELOSO, B. Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na língua de sinais brasileira. In: LIMA-SALLES, H.; NAVES, R. *Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos*. Goiânia: Cãnone, 2010.

Data de envio: 26/05/2014
Data de aceite: 21/01/2015
Data de publicação: 23/04/2015